



UNISUL

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

JÚLIA PIECZARCKA VIEIRA

**CIÚME A DOR DA ALMA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO
CIÚME PARA HOMENS E MULHERES EM PROCESSO DE SEPARAÇÃO
CONJUGAL.**

Orientadora: Prof^a. Deise Maria do Nascimento, Msc

Palhoça
2008



UNISUL

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

JÚLIA PIECZARCKA VIEIRA

**CIÚME A DOR DA ALMA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO
CIÚME PARA HOMENS E MULHERES EM PROCESSO DE SEPARAÇÃO
CONJUGAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Deise Maria do Nascimento, Msc

Palhoça

2008



UNISUL
UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

JÚLIA PIECZARCKA VIEIRA

**CIÚME A DOR DA ALMA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO
CIÚME PARA HOMENS E MULHERES EM PROCESSO DE SEPARAÇÃO
CONJUGAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de graduação em
Psicologia da Universidade do Sul de Santa
Catarina, como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Psicologia.

Palhoça, 10 de novembro de 2008.

Prof^a. Orientadora Deise Maria do Nascimento, Msc
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof^a. Cristiani do Nascimento Peixoto, Msc
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof^a. Regina Ingrid Bragagnolo, Msc
Universidade do Sul de Santa Catarina

RESUMO

O presente trabalho refere-se à concepção de ciúme para homens e mulheres em processo de separação conjugal, tendo como objetivo principal saber qual a representação social do ciúme para estas pessoas. Esta pesquisa é classificada como exploratória e qualitativa e tem como base o referencial teórico da psicologia social, contendo seis tópicos: uma breve história do ciúme; ciúme na literatura; abordagem do ciúme na psicologia; ciúme e as representações sociais; ciúme e gênero; violência doméstica. As entrevistas foram semi-estruturadas e para a análise dos dados, foi utilizada a metodologia de análise categorial. Foram entrevistadas seis pessoas, sendo três homens e três mulheres, em processo de separação conjugal, que procuraram o serviço de mediação de um Fórum da grande Florianópolis. Os resultados da pesquisa apontaram que as Representações Sociais do ciúme estão marcadas pela maioria dos entrevistados, que consideram o ciúme como um sentimento de posse. As diferenças de gênero em relação ao ciúme foram identificadas em algumas entrevistas.

Palavras chaves: ciúme, Representações Sociais, gênero, separação conjugal.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
TEMA.....	08
PROBLEMA DE PESQUISA.....	08
OBJETIVOS.....	10
Objetivo geral	10
Objetivos específicos	10
JUSTIFICATIVA.....	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 UMA BREVE HISTÓRIA DO CIÚME.....	14
2.2 CIÚME NA LITERATURA.....	18
2.3 AS DIVERSAS CONCEPÇÕES DE CIÚME PRESENTES NA PSICOLOGIA.....	21
2.4 CIÚME E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	23
2.5 CIÚME E GÊNERO.....	25
2.6 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.....	28
3. MÉTODO DE PESQUISA	30
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	30
3.2 POPULAÇÃO/AMOSTRA.....	31
3.3 PROCESSOS PARA COLETA DE DADOS.....	31
3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	32
3.5 ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	32
4. ANÁLISE DE DADOS	34
4.1 OBJETIVO ESPECÍFICO 1.....	34
4.1.1 Ciúme como posse	34
4.1.2 Ciúme alterado	35
4.1.3 Ciúme como expressão de amor	36
4.1.4 Ciúme como natural	36
4.2 OBJETIVO ESPECÍFICO 2.....	37
4.2.1 Pequenas diferenças de ciúme entre os gêneros	38
4.2.2 O ciúme da mulher é mais intenso	38
4.2.3 Nenhuma diferença de ciúme entre os gêneros	39
4.3 OBJETIVO ESPECÍFICO 3.....	41

4.3.1 Ciúme aumenta no decorrer da relação.....	41
4.3.2 Ciúme diminui no decorrer da relação.....	41
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45
APÊNDICES.....	48
APÊNDICE A – Roteiro de entrevistas.....	48
APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	49

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal identificar as Representações Sociais do ciúme para homens e mulheres em processo de separação conjugal que procuraram os serviços de mediação do Fórum da Comarca de São José.

O serviço de mediação familiar recebe casais em processo de separação que desejam a resolução de conflitos e a realização da separação conjugal, sendo um serviço social e gratuito.

A pesquisa inicia-se com a apresentação do tema proposto, segue com o problema de pesquisa, a justificativa e os objetivos geral e específico que visam responder a problemática apresentada. O referencial teórico tem como base conceitos referentes à psicologia social e foi dividido em seis itens: uma breve história do ciúme, ciúme na literatura, as concepções de ciúme presentes na psicologia, ciúme e as Representações Sociais, ciúme e gênero e violência doméstica. Os procedimentos adotados durante a coleta de dados, bem como a maneira de como os dados foram colocados, encontram-se no método que corresponde ao capítulo três do trabalho. No capítulo quatro é apresentada a análise dos dados coletados, feita através da análise de conteúdo.

Para finalizar a pesquisa são apresentadas as considerações finais que abrangem o resultado da pesquisa explicitando à sociedade as dificuldades encontradas pela pesquisadora e as sugestões de novas possibilidades de pesquisa.

1.1 TEMA

Representações sociais do ciúme e separação conjugal

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

O ciúme romântico é um dos sentimentos mais freqüentes nos relacionamentos humanos. Em princípio pode ser considerado tão inerente como o medo, a inveja, a alegria, a saudade. No entanto, dependendo do grau de intensidade, assume formas cruéis e violentas, gerando dor e sofrimento, podendo chegar a casos extremos de homicídio e suicídio. Para Ferreira-Santos (2006, p. 234), trata-se de “um estado de espírito tão complexo, tão repleto de divagações e interpretações, que se justifica o interesse de seu estudo e a vontade de se livrar dele”.

A importância do ciúme nas relações amorosas foi confirmada em pesquisa realizada com 1.279 homens e mulheres das camadas médias urbanas do Rio de Janeiro, no período entre 1998 à 2003. Ao indagar às pessoas quais os problemas que vivenciam em seus relacionamentos amorosos, o que mais se destacou foi o ciúme (GOLDENBERG apud NUNES, 2006 p. 19).

Uma das fontes para o estudo do ciúme é a literatura. Para Kundera (2006) a razão de ser de um romance é a busca de compreensão da vida. De fato, são vários os romances da literatura mundial que abordam o tema. Willian Shakespeare, por exemplo, no ano de 1622 publicou a peça Otelo na qual seu protagonista, acossado por um ciúme patológico mata sua amada, Desdêmona, e em seguida comete suicídio. Em 1900 Machado de Assis com seu consagrado romance Dom Casmurro, trata de outro tipo de ciúme, vivendo na sociedade moralista do Rio de Janeiro do início do século XX, o narrador Bentinho controla o ciúme desmedido e imaginário de sua esposa, que corrói sua vida.

No artigo “Dois romances, tempos distintos: uma reflexão sobre o amor e o ciúme na atualidade” a autora Arreguy (2004, p. 126), busca a

compreensão do ciúme nos tempos atuais, através da leitura dos romances “Dom Casmurro” (1900) e “E do meio do mundo prostituto só amores guardei ao meu charuto” de Rubem Fonseca. Para a autora trata-se de uma passagem do “amor romântico” para o “amor prostituto”. Ou seja, “um cenário romântico marcado pela ilusão amorosa, e um cenário pós-moderno, marcado pela fluidez das relações, vazias de ideais e interditos”.

Costa (2000), denuncia o sentimento de posse nas relações humanas onde o amor é dominado pelo interesse de possuir e dominar o outro. Segundo ele:

Um dos mais tenazes preconceitos criados pelo utilitarismo vulgar é a idéia de interesse como posse ou aquisição. Aprendemos que tudo que pensamos, sentimos e fazemos é motivado pelo interesse em possuir alguma coisa. Assim, todo o apetite desejo ou aspiração teria como causa o interesse, manifesto ou oculto, de possuir” o objeto visado. Esta idéia se converteu em uma espécie de jargão cultural inconsciente. A vida, diz-se, é um cálculo consciente ou inconsciente que visa a regular a economia da posse. (COSTA, 2000, p.1)

Muitas pessoas não conseguem dissociar o ciúme do amor, por encará-lo como manifestação normal de zelo ou mesmo de preservação da relação (FERREIRA-SANTOS, 2003, p.18). A própria palavra “ciúme” deriva do latim *zelumen* que pode ser traduzido por zelo, atenção, cuidado.

Entretanto, “ao mesmo tempo em que visa proteger o amor, o ciúme é um mecanismo capaz de destruir relacionamentos, dependendo de sua intensidade, frequência e de alguns comportamentos a eles relacionados” (GRENBERG & PYSZCZYNSKI, apud RAMOS, 2000, p. 35). Neste caso, o ciúme acarreta sofrimento e dor, afetando a vida daqueles que vivem sob sua influência.

Segundo Ferreira-Santos (2003), o sofrimento é o termômetro que anuncia quando o ciúme está fora do limite e avança causando mal estar, até arruinar a vida das partes envolvidas.

Tendo em vista esta breve contextualização do ciúme entendido enquanto fenômeno universal polimorfo, construído socialmente ao longo do tempo, bem como a experiência da autora deste trabalho dentro de um serviço de mediação familiar, que presenciou diversas cenas de ciúme de ambos os

sexos, foi elaborada a seguinte pergunta, que orientará a pesquisa: Quais as representações sociais do ciúme para homens e mulheres no processo de separação judicial em um serviço de mediação familiar da grande Florianópolis?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

Identificar as Representações Sociais do ciúme para homens e mulheres em processo de separação conjugal.

1.3.2. Objetivos específicos:

- Identificar a concepção de ciúme dos (as) entrevistados (as);
- Verificar se há influência de identidade de gênero nas Representações Sociais de ciúme dos (as) entrevistados (as);
- Realizar um comparativo entre as concepções de ciúme dos entrevistados no início e ao término de suas relações.

1.4 JUSTIFICATIVA

Muito mais que um simples sentimento, o ciúme é considerado uma construção social e cultural, abrangendo outros sentimentos como amor, ódio, medo, cobiça, raiva e orgulho (FERREIRA-SANTOS, 2003). Tornou-se um tema multidisciplinar, despertando o interesse de diversas pessoas que desejam encontrar respostas para seus mistérios. Mesmo com o desenvolvimento humano nas áreas culturais, econômicas e políticas o ciúme persiste e exerce grande influência no cotidiano das pessoas. (RAMOS, 2000). Trata-se, portanto, de um sentimento universal, variando de acordo com a cultura de cada época.

Apesar de sua relevância social, os conhecimentos produzidos pelos estudos sobre o ciúme romântico realizados no campo da psicologia ainda são incipientes. Foram publicados poucos livros de autores nacionais abordando esta temática. Os artigos científicos, no entanto, são numerosos e diversificados.

Na psicologia o ciúme é estudado de acordo com a linha teórica adotada pelos autores. Segundo Melanie Klein, psicanalista infantil, o ciúme origina-se no amor que o indivíduo sente e teme que lhe seja tirado pelo rival, e visa à posse do objeto amado. (KLEIN apud JÚNIOR, 2003, p.62). A autora faz uma relação entre a inveja e o ciúme:

A inveja é o sentimento raivoso de que outra pessoa possui e desfruta algo desejável – sendo o impulso invejoso o de tirar este algo ou de estragá-lo. Além disto, a inveja pressupõe a relação de um indivíduo com uma só pessoa e remonta à mais arcaica e exclusiva relação com a mãe. O ciúme é baseado na inveja, mas envolve uma relação com pelo menos, duas pessoas; diz respeito principalmente ao amor que o indivíduo sente como lhe sendo devido e que lhe foi tirado, ou está em perigo de sê-lo, por seu rival (KLEIN, 1991 apud FERREIRA-SANTOS, 2003, p. 67).

Ferreira-Santos (2003) considera ciúme e inveja sentimentos gêmeos. Enquanto o primeiro se refere à posse do objeto e o medo de perdê-lo, o segundo à ausência de algo desejado.

O interesse como posse e aquisição é um conceito histórico e cultural criado pelo utilitarismo vulgar e representa “um dos mais tenazes preconceitos”

Costa (2000, p. 2). Desta forma, ama-se, domina-se o outro, busca-se o prazer e a felicidade por interesse em possuir. Esta economia de posse está diretamente relacionada com o ciúme, onde o outro ao invés de sujeito, é tratado como objeto.

O existencialismo é uma corrente filosófica segundo a qual o homem está “condenado à liberdade”, a existência precede a essência e o ser humano é responsável por aquilo que é (SARTRE, 1978). Para tal corrente o amor não é possessão e deve-se amar o outro como um ser livre (ROWLEY, 2000). As relações devem ser transparentes. Os existencialistas Jean Paul Sartre e Simone Beauvoir acreditavam que o ciúme é uma emoção natural, o que não significa que seja bom para uma relação. Como existencialistas, pensavam que as pessoas possuem força de vontade para lutar contra certas emoções ou tendências negativas (SARTRE, 1978).

A eliminação do ciúme e de outras paixões burguesas foi uma das grandes esperanças da década de sessenta. Segundo Ramos (2000):

O pensamento comunista acreditava que pela reestruturação das relações sociais, fosse possível mudar alguns dos conceitos, alguns modos estruturados de compreensão e, conseqüentemente alguns sentimentos (Delgado&Bond, 1993). Por seu turno, a revolução sexual, como destacam Clanton e Kosins (1991), apregoava normas que encorajavam a liberdade pessoal nos relacionamentos, fazendo com que o ciúme fosse visto como inapropriado e indesejável, com efeito, o movimento hippie imaginava que o ciúme iria desaparecer se tudo, relacionamentos e sexo, fosse compartilhado comunitariamente (Pittman, 1994). Entretanto a abolição do ciúme não obteve sucesso. (RAMOS, 2000, p. 10).

Buss (2000), por outro lado, aborda o ciúme numa perspectiva evolucionista, analisando os relacionamentos entre homens e mulheres a partir do vínculo indissociável entre sexo e procriação. Segundo ele os gêneros desenvolveram estratégias específicas como resposta à infidelidade conjugal. O ciúme, por este ponto de vista, exerce uma função protetora da auto-estima e pode ser considerado fruto de uma sabedoria emocional. O homem deseja ter certeza da paternidade de seus filhos. A mulher, por sua vez, teme o envolvimento afetivo de seu parceiro com outra, ameaçando sua estabilidade material e afetiva.

Para a psicologia simbólica Jungiana o ciúme quando opera normalmente é considerado o “guardião ético do amor”. Ou seja, estabelece os limites do amor e avisa quando este ultrapassa as fronteiras e torna-se possessivo e destrutivo (BYINGTON, 2005, p. 4).

Segundo Ramos (2000) existe no Brasil um atraso de pelo menos vinte anos em relação aos estudos sobre o ciúme. O interesse da psicologia pelo tema foi despertado na década de setenta, com a emergência da ciência dos relacionamentos interpessoais, principalmente como causa de violência de gênero e de estar associado com problemas freqüentes na terapia e no aconselhamento conjugal.

A justiça está repleta de processos em que o ciúme desencadeou crimes passionais, separações e divórcios. Nos tribunais e delegacias, o ciúme costuma apresentar a sua face mais cruel (RAMOS, 2000). Constitui-se também como um problema freqüente no campo da mediação familiar, onde muitos casais com relacionamento destruído pelo ciúme, procuram o serviço de mediação. Cabe ao psicólogo estudar e compreender as Representações Sociais do ciúme, para abordar os conflitos da melhor forma possível. Trata-se, portanto, de uma demanda relevante para os profissionais de psicologia que devem estar preparados para auxiliar as pessoas que os procuram.

Considerando o que foi exposto em termos científicos, espera-se contribuir neste trabalho com a identificação de representações sociais contemporâneas do ciúme, a partir de entrevistas com homens e mulheres que procuram o serviço de mediação familiar da grande Florianópolis.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 UMA BREVE HISTÓRIA DO CIÚME

Neste capítulo, além do conceito, será apresentada, de forma sucinta, a história do ciúme desde a antiguidade até o mundo contemporâneo. Serão retratadas as diferentes faces do ciúme de acordo com as relações sociais amorosas de cada tempo e lugar.

No dicionário Aurélio da língua portuguesa, o verbete ciúme aparece com o seguinte significado:

1. sentimento doloroso, causado pelas exigências de um amor inquieto, o desejo de posse da pessoa amada, a suspeita ou a certeza de sua infidelidade, fazem nascer em alguém; zelos. 2. emulsão, competição, rivalidade. 3. Despeito invejoso; inveja. 3. receio de perder alguma coisa; cuidado, zelo. (FERREIRA-SANTOS, 2003, p.18).

Zelo, no singular, é também apresentado como um outro significado para ciúme, no sentido de cuidar, tomar conta para que não se perca (ou seja roubado) algo ou alguém que se têm apreço, amor. O verbete “ciúme” vem do latim *zelumem (celumen)* e tem sua origem na raiz grega, *zelus*, que significa fervor, calor, ardor ou intenso desejo, e por sua vez, fundiu o vocabulário inglês *jealous* (ciúme) e francês, *jalousie* (ciúme) (FERREIRA-SANTOS, 2003).

Os relatos e teorias sobre os sentimentos humanos, em particular o ciúme, assumem diferentes papéis de acordo com os conhecimentos e valores de cada época. Para falar do ciúme, faz-se necessário falar do amor, pois ambos são paixões entrelaçadas (BUSS, 2000).

O amor não possui uma definição própria, existem várias concepções para este fenômeno humano. Segundo Cardella (1994, p.16) “o amor é a polaridade oposta do egocentrismo e do sofrimento de natureza emocional”, podendo manifestar-se de diversas formas, como por exemplo, o amor erótico, o amor romântico, e o amor por si mesmo. Este último é a capacidade de ver-se, ouvir-se, compreender-se e de ter atitudes amorosas também com as outras pessoas. A Bíblia dita um mandamento “ama ao próximo como a si

mesmo”, ou seja, amar a si mesmo é a condição necessária para sermos capazes de estabelecer uma relação amorosa.

O amor romântico é uma construção histórica que surgiu na Idade Média com a idéia de que “o verdadeiro amor envolve adoração do ser amado, que por sua vez é a imagem perfeita de homem ou mulher” (Cardella, 1994, p.16). Esta forma de amar aparece pela primeira vez na literatura, através do mito de Tristão e Isolda, uma lenda celta cujas origens remontam o século IX e escrita no século XII pelo trovador romano Beroul. Neste mito, o amor é percebido como a doença da alma, e Isolda, personagem do romance, decide contrair essa doença. O amor romântico ou paixão é um fenômeno psicológico, de vida curta, que envolve expectativas em relação ao parceiro, onde frequentemente aparece a projeção e o êxtase provocado pelo ser amado, considerado o símbolo da perfeição. Trata-se, portanto, de um relacionamento idealizado e passageiro, que gera ciúme e sofrimento nos amantes (Cardella, 1994). Esta forma de amor é a mais valorizada na cultura ocidental, cada vez mais egoísta e individualista.

Conforme Cardella, (1994, p.28) o amor erótico “envolve a união sexual como forma de expressão máxima e a concretização da fusão com outra pessoa” e proporciona um sentimento de plenitude e paz interior entre os parceiros. A capacidade de entrega é uma característica importante deste tipo de amor, e só é possível desenvolvê-la através da auto-satisfação, auto-aceitação e do amor por si mesmo.

Na antiguidade, as regras e crenças de cada indivíduo, inclusive no que diz respeito ao amor, eram determinadas na coletividade. Ao indivíduo e aos seus sentimentos era dada pouca importância e supõe-se que nesta época o ciúme ainda não existia (BRANDEN, apud NUNES, 2006, p. 45).

Na mitologia grega, o deus Eros representava o amor espiritual, considerado como o maior valor a ser conquistado, sendo reflexo do verdadeiro Bem e da Beleza, enquanto o amor carnal não passava de uma futilidade mundana. Por sua vez o ciúme se manifestava como motivador das histórias de deuses olímpicos e suas relações com os homens. Apesar de nítida a diferença do Olimpo e o mundano, os sentimentos negativos da natureza humana eram compartilhados por ambos. (FERREIRA-SANTOS, 2003).

Na psicologia de Platão, filósofo grego do século IV a.C. a alma é um conjunto de faculdades hierarquizadas em cujo centro está a razão (*nous*) que comanda os apetites e as paixões, entre elas a inveja, o ciúme, o ódio. No diálogo *Fedro*, Sócrates compara a alma a um coche conduzido por dois cavalos, cujo cocheiro é a razão. Em condições normais (um aparelho psíquico normal) o cocheiro comanda os cavalos, mas em determinadas condições os cavalos (desejos inferiores), assumem o controle. Para Aristóteles, que definiu o ciúme como uma nobre inveja, as paixões são estados da alma e não são em si nem boas nem más, mas tornam-se perigosas quando se afastam do ponto intermediário. Cabe à razão o trabalho de evitar os extremos da paixão. O estoicismo, filosofia grega do século III a.C. foi além, ao considerar o homem livre para controlar seus sentimentos e afirmar que a recusa radical de toda paixão é o caminho para a autonomia humana (ROUANET, 1990).

A Bíblia Sagrada está repleta de referências sobre o ciúme, revelando inclusive que este sentimento extrapola o mundo dos homens. O Deus do Velho Testamento, Javé, ao apresentar os Dez Mandamentos do alto do Monte Sinai, revelou a Moisés: “Não faça para você ídolos, nenhuma representação daquilo que existe no céu e na terra, ou nas águas que estão abaixo da terra. Não se proste diante desses deuses, nem sirva a eles porque eu, Javé seu Deus, sou um Deus ciumento” (Ex 20,4-5).

Durante o período de decadência do Império Romano ficam em evidência os escritos de Ovídio (43a.C.-17d.C.) em “A arte de amar” onde o ciúme, frequentemente associado ao amor, é marcado por uma conotação bastante dolorosa (FERREIRA-SANTOS, 2003). “Apesar da propagação religiosa e filosófica da idéia de fidelidade, o adultério também se impunha socialmente entre os romanos como um comportamento necessário para escapar à monotonia do cotidiano” (BRANDEN, apud NUNES, 2006, p. 45).

Seguindo a linha da história, durante a Idade Média (século XI a XIII), a igreja, guardiã dos valores espirituais e morais, passou a controlar com punhos de ferro a palavra escrita. Os sentimentos considerados mundanos, como os relatos de amor e ciúme, foram censurados por cerca de mil anos, ressurgindo apenas no século XII no sul da França, quando foram divulgados pelas cantigas de poetas da época (FERREIRA-SANTOS, 2003).

No renascimento (século XVI a XVI), época de grandes transformações na filosofia, cultura, arte e ciência, há uma mudança radical na forma de pensar. O indivíduo ganha mais independência e autonomia e a mulher, pelo menos em teoria, passa a ter mais presença nas relações sociais. O papel do ciúme era de preservar a honra social e moral e proteger a integridade da família, como sinônimo de zelo e devoção, como a traduzida no adágio atribuído a Santo Agostinho: (*qui non zealat amat*): “quem não tem ciúme não ama” (FERREIRA-SANTOS, 2003, p. 45).

No iluminismo, movimento do século XVIII contra o poder da Igreja e baseado na razão e no progresso humano ocorreu uma revisão radical da importância da vida afetiva, sintetizada nas palavras de Vauverargues (apud ROUANET, 1990, p. 29): “nossas paixões não são distintas de nós mesmos; muitas delas constituem o fundamento de toda a substância de nossa alma.” Neste mesmo período, Diderot afirma: sem as paixões nada existe de sublime, nem nos costumes nem nas obras humanas” (DIDEROT apud ROUANET 1990, p. 29). O casamento como instituição se fortalece e torna-se indissolúvel mesmo quando o amor acaba tendo como consequência o aumento de relações extraconjugais e todo o sofrimento emocional como a angústia, a insegurança e o ciúme (FERREIRA-SANTOS, 2003).

A partir da modernidade, entre os séculos XVIII e XIX, há um rompimento com o passado e uma orientação decisiva para o futuro prevalecendo os métodos científicos e não mais os cânones da igreja. O capitalismo e o liberalismo impõem sua lógica a todas as dimensões da vida, com aumento do papel do indivíduo, que passa a ter maior liberdade na escolha das relações amorosas (YALOM, apud NUNES, 2006).

Em meados do século XX, com a revolução sexual, a mulher, historicamente submissa, começa a exigir direitos de cidadania e igualdade entre os sexos. Simone de Beauvoir, uma das precursoras do movimento feminista, em seu livro “O Segundo Sexo”, afirmou que as diferenças sociais entre homens e mulheres não eram decorrentes da constituição biológica, ou seja, natural, mas sim uma diferença construída socialmente (BEAUVOIR, apud NUNES, 2006, p. 67). Tais mudanças influenciaram as relações amorosas entre homens e mulheres, e os papéis tradicionais dos sexos foram questionados.

A vida amorosa contemporânea acentua as tendências de conquista de direitos civis. O modelo neoliberal reforça o papel do mercado, do consumo e do individualismo. O ter se sobrepõe ao ser e uma pessoa vale mais pelo que tem do que ela é. As relações amorosas se tornam descartáveis e mutáveis, sendo a busca por satisfação e prazer imediato mais importante que a construção de um relacionamento durável que envolve dedicação, compromisso mútuo e saúde psicológica de cada parceiro. Homem e mulher agora estão em pé de igualdade e cada um possui a liberdade de escolher o parceiro, bem como decidir a qualquer momento, pela manutenção ou término da vida em comum. A prevalência do imaginário social do “até que a morte os separe” e do “amor eterno” cedeu lugar ao “contrato até nova ordem” (GIDDENS, 2002; BAUMAN, apud NUNES, 2006, p.92). Esta liberdade trouxe conseqüências. Uma delas é a falta de confiança nos relacionamentos que pode intensificar os sentimentos do ciúme, dado que exige monitoramento constante do parceiro. De fato, é compreensível que indivíduos inseguros busquem compensação no controle do outro, gerando ciúme e, portanto, sofrimento psíquico. Outra manifestação do ciúme na contemporaneidade provém de estratégias de poder de mulheres que suscitam o ciúme do outro exibindo um corpo perfeito, valendo-se de técnicas de embelezamento. Tais mulheres provocam o ciúme buscando auto-valorização (TREVISAN, apud NUNES, 2006, p.73). O ciúme, que sempre existiu, continua presente nas relações amorosas contemporâneas, marcadas pela flexibilidade, liberdade, pluralidade e independência pessoal.

2.2 CIÚME NA LITERATURA

A literatura é considerada uma importante fonte de conhecimento do ser humano, podendo inclusive influenciar o comportamento e os relacionamentos amorosos. Os livros, segundo Bloom (2004), ajudam as pessoas a viver com sabedoria, e a compreender os diversos aspectos da vida. Para Kundera (2006), o conhecimento é a única razão de ser de um romance. É através deles que se “adentra a alma das coisas” (KUNDERA, 2006, p.61). Além de retratar as peculiaridades de cada época, os romances mostram também os problemas

universais do ser humano. Por este motivo, a literatura é referência para os estudiosos do ciúme nas relações humanas ao longo dos tempos. Segundo Bloom (1999) o ciúme sexual é a mais romanesca e a mais poética das circunstâncias. Autores consagrados como Goethe, Proust, Dante e Dostoievski trataram o tema com profundidade e alguns clássicos da literatura universal como “Otelo” de Shakespeare e “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, são verdadeiros cânones.

Na peça teatral “Otelo” o nobre mouro a serviço do governo de Veneza na Ilha de Chipre, amava e era feliz com sua bela esposa Desdêmona, a quem confiava plenamente. Não possuía sentimentos de ciúme e não admitia que este pudesse algum dia dominar a sua existência. Em diálogo entre Otelo e seu subordinado Iago, este último adverte seu senhor para os perigos deste sentimento:

Ó meu senhor, tomai cuidado com o ciúme! É o monstro de olhos verdes que se diverte com a comida que o alimenta! Vive feliz o cornudo que, certo de seu destino, detesta o ofensor; mas oh! Que minutos malditos conta àquele que o idolatra e, não obstante, duvida; aquele que suspeita e, contudo, ama loucamente! (SHAKESPEARE, 1978, p. 384).

Com a expressão “monstro de olhos verdes”, Shakespeare criava na literatura, uma metáfora do ciúme que perdura nos tempos atuais. O sentimento de inveja de seu ardiloso alferes, Iago, iria semear a desgraça que se abateria com fúria na vida do mouro. Arranjando provas falsas, Iago convenceu Otelo da infidelidade da esposa. Este é então dominado por um ciúme feroz que culmina quando suas mãos asfixiam e matam sua linda Desdêmona. O drama de Shakespeare envolvendo inveja e ciúme mostra como o adultério era tratado na época. Mostra também como a infidelidade presumida ganha realidade na imaginação de sua vítima e se transforma em ciúme patológico.

Em “Dom Casmurro” uma das obras primas de Machado de Assis, o ciúme aparece como algoz do amor, um amor que vem da infância entre Bento Santiago, o Bentinho e Capitu, a bela morena de “olhos de ressaca, os de cigana oblíqua e dissimulada” (ASSIS, 1971, p. 227). Bentinho é o narrador do livro e o faz de forma retrospectiva, tentando convencer o leitor de que é vítima de uma trama sórdida da mulher e de seu melhor amigo, Escobar. Segundo

suas próprias palavras: “Minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me...A terra lhes seja leve!” (ASSIS, 1971, p.227)

Aos poucos o ciúme vai inoculando o ser de Bentinho e o dominando completamente até os mínimos detalhes, pois é fértil a imaginação de um ciumento deprimido. Trata-se também de uma infidelidade imaginada, pois nunca comprovada, a não ser pela semelhança de Ezequiel, o filho, com Escobar, o amigo, que, segundo a própria Capitu, não passava de mera casualidade. Bentinho remói seu ciúme ao logo de toda sua vida adulta, destruindo sua existência e a dos que lhe são próximos. O medo da perda da pessoa amada abateu-se sobre ele e lacerou-lhe a alma. Bentinho recorre até à Bíblia para procurar consolo: “Jesus, se soubesse dos meus primeiros ciúmes, dir-me-ia, como no cap. IX, vers. 1: “Não tendes ciúme de tua mulher para que ela não se meta a enganar-te com a malícia que aprender de ti” (ASSIS, 1971, p. 227). Mas era tarde demais, ele já fora irremediavelmente mordido pelo “monstro de olhos verdes” de Shakespeare. Capitu traiu ou não traiu? Eis a questão machadiana. Ninguém soube ou saberá, mesmo Machado de Assis, pois até os personagens escapam ao autor. Uma coisa é certa, se imaginado, o ciúme de Bentinho foi bem real em sua vida. Ao contrário do arrebatamento de Otelo, ele pertencia a aristocracia brasileira em declínio e seu padrão de comportamento e sua personalidade pacata não permitiam o extravasamento de paixões, a não ser através da memória, pela qual o personagem torna pública sua dor, última oportunidade de desabafo. O ciúme, dor da alma, enredo de “Dom Casmurro”, foi magistralmente descrito por Machado de Assis. Um exemplo em que a particularidade do personagem retrata a universalidade humana.

Outro romance que retrata o ciúme em outra perspectiva é “E do meio do mundo prostituto só amores guardei ao meu charuto” de Rubem Fonseca (1997). Trata-se de uma história passada no Rio de Janeiro, nos tempos atuais, cujos protagonistas são integrantes da classe média alta. É narrado por vários personagens entre eles, Mandrake, detetive contratado pelo escritor Gustavo Flávio para desvendar o mistério de assassinatos de suas ex-amantes. Gustavo é um mulherengo incorrigível que considera ser da natureza masculina amar várias mulheres ao mesmo tempo. O ciúme não aparece no

romance, nem da parte das mulheres que apenas eram rivais em relação ao amante, nem deste com relação a suas mulheres. Aliás, Gustavo mostra-se não só indiferente aos padrões morais vigentes, como ironiza os valores estabelecidos nas relações amorosas. Além das mulheres, ele é um amante de charutos e como as mulheres, acredita que cada um é adequado para uma situação. Não é fiel nem a marca de charutos nem às suas amantes - seu propósito e seu deleite está na variedade de ambos. Como compreender a sexualidade de Gustavo? De acordo com Armony (1999), está presente uma nova ética afetiva livre e uma sexualidade que contraria as regras vigentes do amor. Trata-se de uma diversificação e ambigüidade das relações amorosas contemporâneas, onde o sujeito pós-moderno “deverá ser suficientemente criativo para poder manter viva a onipotência infantil sem torná-la anti-social” (ARMONY apud ARREGUY, 2004, p. 123). Mas no caso de Gustavo os desdobramentos não são tão criativos, pois, persistem em suas mulheres, os antigos moldes sociais para o amor – o ciúme – em sua forma mais violenta. Gustavo é um hedonista do amor e para ele o prazer do gozo prevalece sobre a “regulação superegóica pela culpa” (ARREGUY, 2004, p. 123).

2.3 AS DIVERSAS CONCEPÇÕES DE CIÚME PRESENTES NA PSICOLOGIA

Entre os autores que consideram o ciúme normal, como um sentimento inseparável do amor destaca-se Byington (2006), estudioso da Psicologia Simbólica Junguiana. Para ele, é necessário distinguir o ciúme como posse, isto é, patológico, do ciúme normal. Este último protege o amor, alertando-o para seus diferentes estados e limites.

O autor parte da base teórica Junguiana para relacionar cientificamente o amor e o ciúme. A Psicologia Simbólica, segundo ele, concebe todas as coisas como símbolos estruturantes e todas as funções da vida como funções estruturantes. Por exemplo, a doença e o livro são símbolos estruturantes, enquanto que o medo que temos da doença e a curiosidade para ler um livro são funções estruturantes. Por existirem no inconsciente coletivo de todas as pessoas, as funções estruturantes são chamadas arquetípicas e podem ser normais ou defensivas. As normais contribuem para estruturar a consciência, e as defensivas são destrutivas. Como tudo na psique, segundo tal teoria, é

bipolar, as funções estruturantes podem ser empregadas tanto para o bem ou como para o mal. O ciúme enquanto função estruturante normal dá sustentação e é o “guardião ético do amor” (BYINGTON, 2006, p.4), esclarecendo à consciência os direitos e deveres do amor, bem como seus limites. Por outro lado quando o amor transgride suas fronteiras o ciúme torna-se defensivo, possessivo e destrutivo – o ciúme patológico. O importante de tal teoria é o resgate das funções estruturantes consideradas negativas como a inveja, a agressividade, a vergonha, a ambição e o ciúme, que, apesar de gerarem algum sofrimento, quando operam dentro da normalidade, contribuem para o crescimento da consciência dos indivíduos, gerando luz e vida.

Segundo o psicanalista austríaco Sigmund Freud (2002), o propósito da vida está no que ele chama de princípio do prazer, ou seja, a tendência das pessoas de fugir da dor e buscar a felicidade. No entanto, a felicidade não é fácil de ser alcançada em virtude da própria constituição humana. A infelicidade e o sofrimento, por outro lado, estão sempre à espreita e provêm de três causas principais: o envelhecimento e a decadência do corpo; das forças da natureza que produzem catástrofes; e do relacionamento entre os seres humanos. Esta última fonte de sofrimento, para o autor é a mais fatal das três (FREUD, 2002, p.25). O ciúme, em suas formas mais cruéis, está entre as paixões responsáveis pela infelicidade no relacionamento das pessoas. Para Freud, existem três categorias de ciúme. O ciúme normal, que é parte da estruturação psíquica, é decorrente de um pesar causado pelo sofrimento, real ou imaginado, de perder ou vir a perder o objeto amado para outra pessoa. Este tipo de ciúme pode se intensificar e causar níveis intoleráveis de sofrimento. Para Freud (apud FERREIRA-SANTOS, 2006) uma das causas do ciúme é a projeção que o ciumento faz no outro, de seu próprio desejo de infidelidade. O autor considera que no matrimônio a fidelidade é ameaçada por tentações contínuas. Através do ciúme de caráter projetivo, um dos parceiros deposita no outro suas tentações e impulsos inconfessáveis, de modo a aliviar-se de suas auto-recriminações e culpas inconscientes. Outro tipo de ciúme é o neurótico fruto da vivência universal do triângulo edipiano, ou seja, na competição do menino com o pai, pelo amor da mãe, ou da menina com a mãe, pelo amor do pai. Por fim, o ciúme paranóide, considerado o pior de todos, na

qual o indivíduo está convicto de estar sendo traído, mesmo não havendo evidências para tal (FERREIRA-SANTOS, 2000).

O existencialismo adota uma perspectiva original para os sentimentos. Para Jean Paul Sartre, filósofo existencialista francês do século XX, o homem está condenado a ser livre, pois não escolheu viver, mas, uma vez neste mundo, é responsável pelos seus atos. Sartre chama atenção para o conceito de pessoalização, onde o outro nunca pode ser visto como um objeto que possui qualidades e atributos, mas através de sua existência. O amor não é possessão, justamente porque o outro é livre. A liberdade radical de escolha está acima das paixões que são, portanto, domináveis. Segundo o autor:

O existencialista não crê na força da paixão. Não pensará nunca que uma bela paixão é uma torrente devastadora que conduz fatalmente o homem a certos atos e que, por conseguinte, tal paixão é uma desculpa. Pensa, sim, que o homem é responsável por essa sua paixão (SARTRE, 1978, p. 9).

O ciúme, portanto, para o existencialismo é uma emoção natural controlável, pois os seres humanos possuem força de vontade para lutar contra certas emoções ou tendências negativas. Isto não significa, entretanto, que os sentimentos sejam indesejáveis. Ao contrário, são os gigantes da alma e fornecem o sal da existência, pois, representam uma resposta pessoal às circunstâncias da vida de cada um (FERREIRA-SANTOS, 2006). Quando sua companheira Simone de Beauvoir levantou a questão do ciúme, Sartre argumentou pela transparência total na relação, pois a ausência de segredos significava que um nunca se sentiria excluído da vida do outro. Casamento aberto, ciúme controlado e liberdade radical foram as propostas teóricas e vividas por Sartre e Simone de Beauvoir que desafiaram a moral de seu tempo.

2.4 O CIÚME E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Neste item será desenvolvido o conceito de representação social, tendo por objetivo responder a pergunta de pesquisa deste trabalho, que indaga as representações sociais do ciúme.

A teoria das representações sociais foi criada para tornar familiar o diferente, o estranho, o não familiar. O conceito “familiar” está associado à noção de Universos Consensuais, onde a sociedade é composta por sujeitos livres e iguais, sem nenhuma hierarquia, onde cada um pode falar em nome de todos, pois ninguém é melhor ou mais competente que os demais. O “não familiar”, por outro lado, refere-se aos Universos Reificados, e é gerado dentro das ciências e transferido para o Universo Consensual por meio dos divulgadores, como jornalistas, comentaristas econômicos, médicos, políticos, professores, via comunicação de massa.(STREY, 2002).

Segundo Strey, (2002), o não familiar é enquadrado através de dois processos geradores de representações sociais: a ancoragem, que é processo de classificação do não familiar dentro de uma determinada categoria, como foi o caso da AIDS, então desconhecida, que foi ancorada em “peste gay” e a objetivação, onde transformamos algo abstrato em concreto por meio de um ícone, uma imagem, como por exemplo, chamar Deus de “pai”.

A partir dos anos 80, as noções de representações sociais desenvolvidas por Moscovici e Jodelet (apud SPINK, 1995) ganham uma teorização dentro da psicologia social e passam a servir de ferramenta para outros campos, como educação, meio ambiente, saúde, didática, entre outros. A teoria das representações sociais parte de pressuposto de que existem diferentes formas de conhecer e se comunicar dentro da sociedade: a conceitual e a científica, sendo que a primeira está baseada na vida cotidiana, na conversação informal, existindo um sentimento de igualdade entre as pessoas e a segunda representa a hierarquia de conhecimentos, havendo uma divisão por áreas de competência. Apesar de terem propósitos diferentes, estas duas formas de pensar são indispensáveis para a humanidade. Nesta teoria Moscovici (2002) questionava a racionalidade científica que considerava irracional o conhecimento das pessoas comuns: “na verdade, pode-se dizer que os intelectuais que não pensam racionalmente, já produziram teorias como o racismo e o nazismo. Acreditem: a primeira violência anti-semita ocorreu nas universidades, não nas ruas.” (MOSCOVICI apud ARRUDA, 2002, p.375). Trata-se de uma ruptura epistemológica das fronteiras entre a razão e o senso comum, razão e emoção, sujeito e objeto. Enquanto a realidade é socialmente construída, o saber é uma construção do sujeito, mas não um sujeito isolado,

desligado da sociedade. Assim Moscovici propõem uma psicossociologia do conhecimento com forte acento na sociologia, não desprezando os processos cognitivos e subjetivos (ARRUDA, 2002). Nesta visão, a teoria da representação social considera sujeito social e saber concreto, indissociáveis de seu contexto. Segundo Moscovici:

As representações em que estou interessado não são as de sociedades primitivas, nem as reminiscências no subsolo de nossa cultura, de épocas remotas. São aquelas de nossa sociedade presente, de nosso solo político, científico e humano, que nem sempre tiveram tempo suficiente para permitir a sedimentação que as tornasse tradições imutável. E sua importância continua a crescer, em proporção direta à heterogeneidade e flutuação dos sistemas unificadores – ciências oficiais, religiões, ideologia – e às mudanças pelas quais eles devem passar a fim de penetrar na vida cotidiana e se tornar parte da realidade comum. (MOSCOVICI, 1984 apud SPINK, 1993, p.22).

Na mesma linha de Moscovici, Jodelet (apud SPINK, 1995) propõe uma conceituação geral de Representação Social como uma forma específica de conhecimento, socialmente elaborado e partilhado, tendo em vista a construção de uma realidade comum.

Pretendeu-se neste trabalho, através de entrevistas com homens e mulheres que procuram o serviço de mediação familiar tendo em vista o processo de separação conjugal, identificar as Representações Sociais do ciúme e como estas influenciam no relacionamento dos casais. Como os demais sentimentos, o ciúme é socialmente construído e se manifesta em sentimentos, condutas e na linguagem, enquanto meio de conhecimento e interação social.

2.5 CIÚME E GÊNERO

O objetivo deste capítulo é apresentar o conceito de gênero como categoria necessária ao estudo do ciúme. Cabe ressaltar que o problema de pesquisa busca identificar a representação social do ciúme para homens e mulheres em processo de separação judicial.

Gênero, enquanto categoria de análise, diz respeito às relações entre homens e mulheres, proporcionando um vasto campo para a análise das desigualdades e hierarquias sociais. De acordo com Scott (apud TORRÃO,

2003) o conceito de gênero foi criado para se contrapor ao caráter biológico nas relações entre os sexos, dando-lhe um caráter de construção social, transformando seres biológicos, machos e fêmeas, em homens e mulheres, seres sociais, pois se existem diferenças biológicas entre os sexos, não são elas que irão determinar as desigualdades entre eles.

Nem todos os autores consideram as relações de gênero uma construção social. Para BUSS (2000), a diferença entre homens e mulheres é um processo biológico. Neste caso o ciúme passa a ser um sentimento natural do ser humano. Ao descrever as estratégias de acasalamento o autor mostra as diferenças entre os sexos. Para satisfazerem seus desejos, os homens recorriam à variedade sexual, enquanto as mulheres procuravam um compromisso regado de muito amor e fidelidade. Neste contexto iniciam-se as diferenças gerando conflitos, sentimentos de raiva e ciúme entre os sexos, pois eles têm formas diferentes de pensar e agir e conseqüentemente ficam zangados com eventos diferentes. O ciúme das mulheres aflora com mais intensidade quando percebe que seu parceiro está doando carinho e intimidade à outra. Uma mulher não suportaria ver seu marido dando atenção ou falando de algum problema íntimo com outra mulher (BUSS, 2000). Para o homem o ciúme e, portanto, o sofrimento seria intenso se a sua mulher mantivesse relações sexuais com outro parceiro.

Os estudos de gênero acompanham os diversos movimentos feministas que surgiram no Brasil a partir da década de setenta onde as mulheres reivindicavam ao Estado seus direitos como cidadãos e faziam uma crítica às desigualdades entre os sexos. A partir dos anos oitenta “reafirma-se a necessária heterogeneidade das experiências a partir da relação de gênero.” (SILVA, 2000, p.4). Ou seja, percebe-se a necessidade de estudar as relações sociais entre os sexos a partir das relações de poder que apontam estas desigualdades.

De acordo com STREY:

O movimento feminista pretendia que o uso do conceito ou categoria gênero transformasse profundamente os paradigmas da história e de outras disciplinas do conhecimento humano. Em função desses estudos, gênero passou a ser muitas vezes equiparado à mulher, pois

se debruçavam principalmente sobre a mulher e suas contingências. Embora seja utilizado o termo gênero quando se fala de mulheres, sempre fica claro que não se pode obter informações sobre elas sem, ao mesmo tempo, obter informações sobre os homens (STREY, 1998, p.184).

Durante esta trajetória foram alcançadas muitas conquistas significativas como o direito de voto, a inserção na política, no mercado de trabalho, etc. Porém esses avanços ainda não são suficientes porque muitas mulheres ainda sofrem as conseqüências de uma sociedade onde o homem exerce poder e autoridade, dentro de casa ou no local de trabalho, sendo vítimas de violência doméstica e violência sexual. Levando em consideração essa relação de poder entre homens e mulheres, onde o homem ocupa um lugar acima da mulher e esta por sua vez torna-se submissa, questionasse a aceitação do ciúme na sociedade para ambos os sexos (FONSECA, 2005).

Através de uma pesquisa realizada por pesquisadores na Universidade de Brasília, com 101 estudantes, sendo 51 homens e 50 mulheres foram constatados alguns dados em relação ao ciúme e as diferenças e semelhanças de gênero. Foram aplicados questionários contendo 20 questões de múltipla escolha, solicitando que os participantes informassem somente o sexo e a idade. Entre os participantes do sexo feminino, 62% admitiram ser ciumentas e 51% dos participantes do sexo masculino admitiram o ciúme em algum grau. Entre as mulheres ciumentas, 51,6% se sentem incomodadas por isso, enquanto 34,6% dos homens ciumentos se incomodam com esse sentimento. Em relação ao tipo de comportamento que o ciúme provoca, buscou-se investigar quais seriam predominantes em cada gênero, considerando três alternativas: (a) reações de agressão física (inclui bater no parceiro ou em outras pessoas), (b) reações de controle (inclui investigar amizades e ligações), (c) reações emocionais (inclui brigas e discussões). Entre as mulheres, 2% estão no grupo (a), 18% no (b) e 96% no (c). Já entre os homens, 7,8% estão no grupo (a), 35,4% no (b) e 72,5% no (c) (FONSECA, 2005).

Os resultados da pesquisa apontaram que foram quase unânimes as reações emocionais das mulheres ao sentirem ciúme, contudo as reações de agressão física foram muito baixas, sendo que as reações de controle foram

mais presentes no sexo masculino. E ao contrário do que se esperava, não houve diferenças significativas quanto à manifestação do ciúme entre os sexos, mostrando mais uma vez que a mulher, através de muita luta, vem conquistando seu espaço, diminuindo as diferenças em relação ao homem (FONSECA, 2005).

2.6 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

A violência doméstica, enquanto problema social e de saúde pública, que abrange todas as idades e classe social de mulheres, é assunto recorrente na mídia e no mundo cotidiano. O Brasil é o país que mais sofre violência doméstica, com 23% das mulheres sujeitas a este tipo de agressão. A cada quatro minutos uma mulher é agredida no país, sendo que em 85,5% dos casos os agressores são os seus próprios parceiros (ADEODATO *et al.* 2005 p.1).

A violência contra a mulher tornou-se objeto de estudo e interesse interdisciplinar, buscando compreender o comportamento das vítimas e agressores e como tal violência se manifesta entre os casais. Muitos casos não aparecem nas estatísticas, pois são encobertos pelas próprias vítimas que, diversas vezes, por medo ou vergonha, suportam agressões físicas e psicológicas durante toda a vida (SOARES, 1999). Este tipo de violência pode ocorrer por diferentes causas, entre as mais freqüentes o ciúme e o alcoolismo, provocando a fragilização das vítimas, tornando-as indefesas e inseguras, destruindo sua auto-imagem. Ao aceitar a vitimização, as mulheres transformam a violência em fato natural da relação conjugal.

Nas décadas de 1950/1960, Simone de Beauvoir denunciava a condição passiva da mulher diante da violência conjugal, mas foi a partir das décadas de 1970/1980, que o tema ganhou consistência social em virtude do caráter militante e denunciador do movimento feminista. Apesar da modernização permanente da civilização ocidental em todos os campos, inclusive nas relações de gênero, ainda hoje a mulher sofre violência, tendo que cumprir as obrigações domésticas e conjugais. Mesmo tendo permissão social para transitar no público e para conquistar profissões, a mulher permanece

submissa ao homem, e constitui predominantemente sua identidade no âmbito da família (Paula, 2006).

É através da queixa às autoridades competentes, da violência causada pelos parceiros, que a mulher manifesta seu sofrimento e torna público um problema social que tem origem na esfera privada. Segundo Gregori apud Paula (2006):

a situação de vítima tem duplo fim: possibilita, de uma só vez, efetuar um pedido de proteção externo e reequilibrar a relação. Este é o palco onde a mulher, longe de ser vítima de um infortúnio, age para reiterar, ao custo de lesões físicas e psicológicas, uma situação de não sujeito (Paula, 2006, p.2).

Ainda para Gregori apud Paula (2006), a queixa tem a possibilidade de “medir” em um grupo de mulheres, quem sofre mais, tem mais cicatrizes, como se fosse uma competição de desgraças. Neste contexto, percebe-se que o papel de vítima torna a mulher indefesa, sem autonomia sobre si mesma e sobre sua história. O homem por sua vez, tem um papel de algoz, culpado e ingrato por não reconhecer o sacrifício feito por sua esposa, que vive para cuidar da família e das funções domésticas. A queixa, então, passa a assumir uma função específica: culpar o homem, isentando-se de qualquer responsabilidade, a vítima coloca-se no lugar de alguém que precisa de amparo e proteção, formando assim uma identidade (Paula, 2006). A queixa, portanto é um ponto de partida para a mulher se constituir como sujeito e conquistar a cidadania plena nas esferas pública e privada. Trata-se de um problema cuja solução extrapola o indivíduo, exigindo mobilização social e política.

É na violência doméstica que o ciúme aparece na sua forma mais cruel. Em pesquisa realizada com cem mulheres que procuraram a Delegacia da Mulher do Estado do Ceará, durante o período de setembro de 2001 a janeiro de 2002, constatou-se que cinquenta e cinco delas apontaram o ciúme como causa da agressão. Constatou-se também que o principal motivo de as mulheres não abandonar o parceiro no início das agressões, foi pelo fato dos agressores se arrependem e pedirem desculpas (58%), em seguida aparece o fator filhos (48%). Outros fatores que influenciaram na decisão da mulher em

continuar com o parceiro, foram: dependência financeira (38%), paixão pelo parceiro (27%), e medo (27%). De acordo com a pesquisa, 24% das mulheres pesquisadas afirmaram que começaram a fazer uso de anseolíticos e anti-hipertensivos. Outro resultado importante da pesquisa foi que 38% das mulheres pensaram na possibilidade de suicídio (ADEODATO et al. 2005, p.4).

O ciúme, portanto, pode ser um desencadeador da violência doméstica, causando sofrimento e dor para as vítimas que na grande maioria permanecem caladas com insegurança e medo de pedir ajuda.

3. MÉTODO DE PESQUISA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Neste capítulo descreve-se a metodologia utilizada para o estudo das representações sociais do ciúme. Dada a natureza do problema que se pretendeu estudar, dentro da psicologia social, optou-se pela pesquisa qualitativa e exploratória.

A pesquisa qualitativa, uma das formas utilizadas no processo de investigação social, parte do entendimento de que a realidade é constituída pelos indivíduos interagindo em seus mundos sociais. O pesquisador, em seu trabalho, pode revelar como se dá a interação entre os diversos atores sociais para a formação do todo, a partir da perspectiva destes atores (GIL, 1984).

Esta abordagem partiu, portanto, do pressuposto de que o conhecimento não é um espelho das coisas ou do mundo externo. Os significados obtidos do estudo de um fenômeno social são interpretações, sempre parciais, face à complexidade de um mundo onde o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo e o mitológico são partes inseparáveis e constitutivas do todo (MORIN, 2000).

De acordo com Triviños (1992), o que diferencia a abordagem qualitativa das demais é a crença de que o ambiente exerce grande influência sobre o pensamento e a ação humana. Também para Morin (2000), o conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É também dentro de seu contexto que adquirem sentido.

A pesquisa classifica-se como exploratória, pois tem como finalidade, desenvolver e modificar conceitos e idéias. Estes tipos de pesquisa são as que apresentam menor ênfase no planejamento:

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis (GIL, 1994, p.45).

3.2 POPULAÇÃO/AMOSTRA

Os participantes do presente estudo, em número de seis (três homens e três mulheres) foram adultos entre 18 e 65 anos de idade, não necessariamente casais, e todos em atendimento no serviço de mediação do Fórum da Comarca da grande Florianópolis, em processo de separação conjugal.

SEXO	IDADE (ANOS)	ESTADO CIVIL	TEMPO DE UNIÃO (ANOS)	TEMPO DE SEPARAÇÃO
F1	24	SOLTEIRA ¹	3	Em processo
F2	50	CASADA	30	Em processo
F3	34	SOLTEIRA*	6	Em processo
M1	26	SOLTEIRO*	3	Em processo
M2	53	CASADO	30	Em processo
M3	47	CASADO	6	Em processo

3.3 PROCESSOS PARA COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada através de uma entrevista semi-estruturada, ou seja, o “entrevistador permite ao entrevistado falar livremente

¹ O estado civil solteira ou solteiro refere-se à união estável

sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para sua retomada” (GIL, 1994, p. 116). A participação das pessoas para a entrevista foi voluntária e o contato com os candidatos foi realizado antes ou após uma mediação. Neste contato, após as explicações sobre a finalidade do estudo, e a garantia de sigilo dos nomes, foi feito o convite para a realização da entrevista e solicitado assinatura de termo de consentimento. Depois de o convite ser aceito, foi marcado horário para realização da entrevista, que ocorreu na sala de mediação no sétimo andar do Fórum da Comarca de São José.

Durante as entrevistas, foi utilizado um gravador para dispensar a entrevistadora de fazer anotações, concentrando sua atenção na entrevista. Depois de transcritas as fitas, foram analisados os dados.

3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para a realização da coleta de dados, foram realizadas seis entrevistas semi-estruturadas, cujo roteiro de perguntas consta no apêndice A. Este tipo de entrevista é utilizada com grupo de pessoas que passaram ou estão passando por alguma experiência específica. Nesta situação a entrevistadora dá mais liberdade ao entrevistado, respeitando, no entanto, o foco de interesse da entrevista (GIL, 1994, p.116).

O roteiro de entrevistas foi elaborado visando atender o objetivo geral e os objetivos específicos, com perguntas claras e abertas para o entrevistado sentir-se à vontade e transmitir sua experiência sem qualquer restrição. Estes tipos de perguntas cumprem papel importante nos estudos formuladores ou exploratórios. (GIL, 1994, p.127).

3.5 ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Após a gravação e a transcrição das entrevistas, foi realizada a análise de dados. Segundo Minayo (1998), na análise de dados são apontadas três finalidades:

Estabelecer uma compreensão dos dados coletados, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder as questões formuladas e ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando-o ao contexto cultural da qual faz parte. Estas finalidades são complementares, em termos de pesquisa social. (MINAYO, 1998, p.69).

Na análise de dados foi utilizada a metodologia de análise categorial, a partir dos objetivos da pesquisa e do conteúdo descrito pelos entrevistados. O conceito de categoria está relacionado a elementos ou aspectos com características comuns, e é empregado para estabelecer classificações (MINAYO, 1998, p. 70). Na análise de dados, as idéias, elementos e expressões foram agrupadas em torno de um conceito, de acordo com a fundamentação teórica (categoria geral). As categorias específicas foram formuladas através das respostas dos entrevistados. De modo geral, este procedimento é utilizado em pesquisas qualitativas.

A análise do conteúdo foi dividida por objetivos específicos para tornar mais fácil a compreensão do trabalho, sendo que cada objetivo específico possui algumas categorias. O objetivo específico 1 é identificar a concepção de ciúme dos entrevistados, contendo as seguintes categorias: “ciúme como posse”, “ciúme alterado”, “ciúme como expressão de amor” e “ciúme como natural”. O objetivo específico 2 é verificar se há influência de gênero nas representações sociais de ciúme dos entrevistados e abrange as seguintes categorias: “pequenas diferenças de ciúme entre os gêneros”, “o ciúme da mulher é mais intenso”, “nenhuma diferença de ciúme entre os gêneros”. E por fim o objetivo específico 3 é realizar um comparativo entre as concepções de ciúme dos entrevistados no início e ao término de suas relações, abrangendo as categorias: “ciúme aumenta no decorrer da relação” e “ciúme diminui no decorrer da relação”.

4. ANÁLISE DOS DADOS

4.1 OBJETIVO ESPECÍFICO 1: IDENTIFICAR A CONCEPÇÃO DE CIÚME DOS ENTREVISTADOS

Este objetivo específico pretende identificar o que os sujeitos entrevistados entendem por ciúme. Foram encontradas quatro categorias para explicar este sentimento: “ciúme como posse”, “ciúme alterado”, “ciúme como expressão de amor” e “ciúme como natural”.

4.1.1 Ciúme como posse

A primeira categoria identificada foi “**ciúme como posse**”. Tal categoria aparece em cinco dos seis entrevistados, ao serem questionados sobre a concepção de ciúme. Isto fica explícito na resposta do sujeito **F1**... [*“ciúme é um sentimento de posse? É um sentimento de posse, mais ou menos isto, que a pessoa quer ter aquilo, não deixa ninguém olhar, ninguém tocar”*]... .

Costa (2000) denuncia o sentimento de posse nas relações humanas e diz ainda que é um dos mais “tenazes preconceitos criados pelo utilitarismo vulgar”. Segundo ele o ser humano está intimamente ligado com o sentimento de posse em tudo que faz na vida, seja pensando, sentindo ou amando. Este amor possessivo foi identificado em cinco dos seis entrevistados, estando presente em cada um de seus relacionamentos, e em alguns casos causando até o término da relação.

Segundo Klein (apud Elyseu, 2003) o ciúme origina-se no amor que o indivíduo sente e teme que seja tirado e visa a posse. Fica evidente nos relatos de **M1** este ciúme possessivo, que segundo ele atrapalha muito em todos os relacionamentos e na sua vida pessoal:...[*“teve uma vez em que ela estava conversando com meu irmão e eu não gostei, eu vi que eles estavam muito próximos, aquela hora tive que esconder o ciúme,mas chegou em casa e eu tive que falar”*]... Ele ainda relata que este sentimento levou ao desgaste de sua relação e conseguiu acabar com o amor que sentia por sua companheira.

Outro autor que considera ciúme como posse é Santos (2003), para ele o sofrimento das pessoas anuncia quando o ciúme está fora do limite,

destruindo a vida das partes envolvidas. Percebeu-se a angústia e o sofrimento de **F2** ao dizer: ...[*“ele não gostava que eu fosse para lugar nenhum, eu só saía com ele, ele não gostava se eu ia na minha irmã, eu tinha que ficar sempre em casa”*]... .

4.1.2 Ciúme alterado

A segunda categoria a ser analisada é “**ciúme alterado**”. Neste tipo de ciúme a pessoa perde o controle da situação podendo causar sérios danos a ela mesma e a seu parceiro. Segundo Freud (2002) a infelicidade e o sofrimento do ser humano provêm de três causas, entre elas, o relacionamento entre os seres humanos. O ciúme está presente nestas relações, podendo causar sérios problemas para o casal. Ao falar sobre ciúme Freud cita um ciúme paranóide, considerado o pior de todos os ciúmes, onde o indivíduo está convicto de estar sendo traído, mesmo não tendo provas para tal.

Este tipo de ciúme foi percebido em dois homens das seis pessoas entrevistadas. **M1** fala que o seu “**ciúme alterado**” atrapalhou muito a relação com sua namorada e continua atrapalhando na sua vida. Já **M3** dá ênfase à morte no seu discurso, com as seguintes palavras:... [*“tem que controlar o ciúme porque senão o ciúme pode matar”*]... Ele ainda afirma que o ciúme... [*“é a pessoa ficar perseguindo, ver coisa aonde não tem”*]... .

Na literatura este tipo de ciúme é encontrado na peça teatral “Otelo” escrita por Shakespeare em 1622, onde o nobre mouro mata sua amada, sendo dominado pelo sentimento de ciúme. Voltando aos dias atuais, este crime passional ainda é cometido por muitas pessoas que perdem completamente o controle da situação por ciúme, levando a morte de pessoas inocentes.

O caso Lindemberg que comoveu o Brasil em outubro de 2008 é uma demonstração clara deste tipo de situação. O rapaz não aceitou o término do namoro, seqüestrou a ex-namorada e a matou com dois tiros. Como em “Otelo”, o ciúme continua fazendo vítimas.

O ciúme alterado também é um potencializador para os casos de violência doméstica que abrange todas as idade e classes sociais de mulheres. Nesta pesquisa não foi relatado nenhum caso de violência doméstica causada

pelo ciúme. Segundo Soares (1999), muitos casos não aparecem nas estatísticas, pois são encobertos pelas próprias vítimas que, por medo ou vergonha, suportam agressões físicas e psicológicas durante toda a vida.

4.1.3 Ciúme como expressão de amor

Outra categoria encontrada é o “**ciúme como expressão de amor**”. Este tipo de ciúme é considerado “saudável” e bom para uma relação segundo quatro dos seis sujeitos entrevistados. Eles acreditam que o sentimento de ciúme só aparece quando amamos uma pessoa de verdade e quando não é exagerado ele pode trazer vantagens ao casal. Para o entrevistado **M3** o ciúme e o amor nascem e morrem juntos, ou seja, quando acaba o amor o ciúme também acaba.

De acordo com Santos (2003), muitas pessoas não conseguem dissociar o ciúme do amor, por encará-lo como manifestação normal de zelo ou mesmo de preservação da relação, sendo que a própria palavra “ciúme” deriva do latim *zelumen*, que pode ser traduzido por zelo, atenção e cuidado.

Segundo a psicologia simbólica junguiana o ciúme é o “guardião ético do amor” (Byngton 2006, p.4) esclarecendo à consciência os direitos do amor, bem como seus limites, porém quando o amor transgride suas fronteiras o ciúme torna-se possessivo e destrutivo.

Esta relação entre ciúme e amor fica evidente na fala de **F1** quando é questionada sobre a relação do ciúme com o amor. Ela diz que a relação entre estes dois sentimentos ocorre moderadamente, pois excesso de ciúme não é mais amor e sim sentimento de posse, de ficar cuidando da pessoa, controlando seus passos 24 horas por dia.

4.1.4 Ciúme como natural

“**Ciúme como natural**” é mais uma categoria encontrada nas entrevistas. Dois dos sujeitos entrevistados consideram que o ciúme é natural do homem, ou seja, as pessoas já nascem com este sentimento. **M1** afirma que o ciúme faz parte das pessoas e temos que aprender a lidar com este sentimento. Segundo esta concepção, defendida por Buss (2000), homens e

mulheres possuem diferenças biológicas, nascendo com pré-disposição para determinado comportamento. A mulher, por exemplo, possui mais ciúme da atenção que o homem dá para outra mulher. O homem, de saber que sua mulher teve relação sexual com outro homem.

A pergunta de pesquisa deste trabalho indaga as representações sociais do ciúme para os entrevistados. A teoria das Representações Sociais parte do pressuposto de que existem duas formas de comunicação na sociedade: a conceitual e a científica, sendo que a primeira está baseada na vida cotidiana, em uma conversação informal sobre determinado assunto, como por exemplo, as falas dos sujeitos entrevistados nesta pesquisa e a segunda representa a hierarquia de conhecimento. Segundo Arruda (2002), a teoria das Representações Sociais é uma ruptura das fronteiras entre a razão e o senso comum, razão e emoção, sujeito e objeto.

O ciúme é um sentimento socialmente construído, manifestando-se em sentimentos, condutas e na linguagem enquanto meio de conhecimento e interação social. Isto fica claro na fala dos entrevistados no objetivo específico 1 onde o ciúme aparece de várias formas, com diferentes graus de intensidade, sendo considerado bom e saudável para o relacionamento de algumas pessoas, chegando a assumir formas cruéis como possessão para outros sujeitos.

4.2 OBJETIVO ESPECÍFICO 2: VERIFICAR SE HÁ INFLUÊNCIA DE GÊNERO NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE CIÚME NOS ENTREVISTADOS.

O estudo de gênero foi criado dentro da psicologia social para se contrapor ao caráter biológico nas relações entre os sexos, dando-lhe um caráter de relação social, pois não são as diferenças biológicas que irão determinar as desigualdades entre eles. Durante a categorização foram apontadas pelos entrevistados, algumas diferenças entre os sexos, em relação ao sentimento de ciúme, sendo elaboradas três categorias: “pequenas diferenças de ciúme entre os gêneros”, “ciúme da mulher é mais intenso” e “nenhuma diferença de ciúme entre os gêneros”.

4.2.1 Pequenas diferenças de ciúme entre os gêneros

A primeira categoria criada para este objetivo específico foi “**pequenas diferenças de ciúme entre os gêneros**” onde dois dos seis sujeitos entrevistado relatam que o ciúme do homem e da mulher é parecido, existindo somente pequenas diferenças entre os sexos. Tal diferença é evidente na fala de **F1**... [*“o ciúme do homem e da mulher é parecido, no meu relacionamento era bem parecido, com quem você vai? Quem é aquela? Eu perguntava: você já ficou com aquele? Namorou com aquele? Era uma coisa bem parecida, assim, sabe? Não deixava sair sozinho, não gostava, ele não deixava, eu também não gostava, era bem parecido, só que ele era um pouquinho mais exagerado”*]... Para **M2** o ciúme do homem e da mulher é parecido e este ciúme é uma falta de auto-confiança.

4.2.2 O ciúme da mulher é mais intenso

A segunda categoria encontrada foi: “**o ciúme da mulher é mais intenso**”. Nesta categoria dois dos seis sujeitos entrevistados relatam que a mulher é mais ciumenta que o homem. Ao perguntar para **M2** se há diferença entre o ciúme do homem e o da mulher ele respondeu: ...[*“eu acho que o ciúme da mulher é mais forte, pelo que eu vejo, eu acredito que seja. Porque assim, o homem tem tendência em ser mais sacana, então a mulher já fica com um pé atrás, qualquer coisa ela já está mais desconfiada, nossa própria criação, a sociedade funciona assim, a mulher é mais caseira e o homem é mais rueiro, então a mulher por natureza já deve ter mais ciúme que o homem. Ela já pensa, se o homem não está em casa, onde será que ele está? Pode estar no serviço, pode estar em qualquer lugar, aí a mulher já cria uma fantasia, e se a pessoa não trabalha isto ela fica com ciúme”*]... .

Fica claro na fala de **M2** a concepção de uma sociedade machista onde o homem exerce poder e autoridade dentro de casa, e é considerado “*rueiro*”, pois sai de casa para sustentar o lar e a família. A mulher, considerada “*caseira*”, dedica-se aos afazeres domésticos, filhos e fica completamente dependente do homem.

Nos relatos de **F2**, também foram evidenciadas, marcas de uma sociedade onde a mulher é submissa ao homem. Em uma de suas falas ela diz que para seu marido, é normal a mulher ser caseira e ela demorou trinta anos para perceber que isto não era verdade. Fica evidente nesta fala a desigualdade social dos sexos, porém nunca é tarde para mudanças. A mulher já há algum muito tempo vem realizando diversas conquistas para mudar este quadro através de movimentos feministas, obtendo vitórias significativas para diminuir estas diferenças construídas pela sociedade, que ficaram estagnadas durante longos tempos.

Já **F3**, relata que a mulher faz questão de mostrar o ciúme que sente pelo seu parceiro, para chamar atenção de todos que estão em volta, fazendo um show a parte, segundo ela, estas são as mulheres conhecidas como “barraqueiras”, que adoram uma confusão para chamar atenção. Isto fica claro em seus relatos. ...[*“acho que a mulher é mais ciumenta, a mulher gosta, se ela tem ciúme já quer demonstrar, não importa o que seja, pode ser um fio de cabelo, um perfume diferente ou até na frente de todo mundo, dando um show, sabe?”*]... .

4.2.3 Nenhuma diferença de ciúme entre os gêneros

A terceira categoria encontrada nos relatos dos entrevistados foi: “**nenhuma diferença de ciúme entre os gêneros**”. Segundo **M3** o ciúme é igual tanto para o homem quanto para a mulher, sendo os dois capazes de qualquer loucura, por causa do ciúme, inclusive de matar. Foi enfatizado no discurso de **M3**, a questão do crime passional por ciúme. Ele relata que assiste quase todos os dias na televisão homens e mulheres tirarem a vida de seus ex-parceiros, por estarem insatisfeitos com o término da relação. Cita também um exemplo de seu vizinho que “morre” de ciúmes da mulher, impedindo-a de sair de casa e de chegar perto de qualquer outro homem. Para ele não importa o sexo nem a idade, pois o ciúme é igual para todos.

As diferenças de gênero em relação ao ciúme apareceram em algumas falas dos entrevistados, porém não foram marcantes como se esperava. Algumas pessoas relataram que existem poucas diferenças entre homens e mulheres, sendo que outras acreditam que a mulher sente mais ciúme.

Percebeu-se um modelo de sociedade machista na fala de alguns entrevistados ao considerar que o homem tem o papel de sustentar o lar, exercendo poder e autoridade sobre a família, e a mulher, por sua vez, fica em casa para cuidar dos filhos, servir o marido e fazer os serviços domésticos. Diante deste contexto, o homem passa mais tempo fora de casa e mantém outros ciclos de relacionamentos além da família, causando na mulher, desconfiança e ciúme, pois uma de suas “funções” é cuidar do marido.

Foi citado por um dos entrevistados, que sua mulher o incomodava muito quando ele chegava tarde em casa e isto foi um dos principais motivos para a separação. Para ele isto fazia parte do seu papel de homem, sendo que a mulher deveria entender a situação, pois é assim que funciona a sociedade. Tal discurso refere-se à questão da hierarquia de gênero onde o poder, o trabalho fora de casa e a autoridade sobre o lar e a família são associados à masculinidade. O patriarcado é uma forma de hierarquia de gênero que ainda prevalece na sociedade ocidental, onde o homem, no seu papel de pai e marido, exerce poderes sobre as mulheres. Através de muita luta para mudar esse quadro, as mulheres conseguiram diversas conquistas, mas as diferenças entre os sexos ainda são visíveis no mundo contemporâneo.

Ficam evidentes nas entrevistas as Representações Sociais do ciúme e as diferenças que são construídas pela sociedade em relação ao modo do homem e da mulher expressar o ciúme, que acabam sendo naturalizadas pela sociedade. Muitas pessoas assumem que os homens são naturalmente mais agressivos e ruidosos enquanto as mulheres mais sensíveis e caseiras, construindo-se assim um modelo de ser homem e de ser mulher na sociedade.

Somente um sujeito disse que não existe nenhuma diferença entre os gêneros. Para ele, homens e mulheres sentem ciúme pelos mesmos motivos. Diante deste discurso, pode-se supor que para este sujeito as diferenças entre os sexos estão cada vez menores e que a luta das mulheres através de movimentos feministas para diminuir estas diferenças, surtiram algum efeito na sociedade.

4.3 OBJETIVO ESPECÍFICO 3: REALIZAR UM COMPARATIVO ENTRE AS CONCEPÇÕES DE CIÚME DOS ENTREVISTADOS NO INÍCIO E AO TÉRMINO DE SUAS RELAÇÕES.

Este objetivo específico foi criado para identificar se houveram mudanças em relação ao sentimento de ciúme dos sujeitos entrevistados, no início e ao término das relações. A partir disto foram criadas duas categorias: “**ciúme aumenta no decorrer da relação**”, e “**ciúme diminui no decorrer da relação**”.

4.3.1 Ciúme aumenta no decorrer da relação

A primeira categoria identificada para este objetivo específico foi “**ciúme aumenta no decorrer da relação**”. Apenas um dos sujeitos entrevistados relatou que o ciúme aumenta com o tempo de relação. Ao ser questionado se houve alguma mudança no sentimento de ciúme durante o início e fim de sua relação, **M3** responde depois de pensar um pouco sobre o assunto: *...[“na verdade eu acho que agora eu sinto mais ciúme do que antes, antigamente eu quase não dava bola, hoje já está mais diferente, é que o tempo vai passando e a pessoa vai fazendo mais amizade, é porque antes ela tinha menos amizade, agora tem um pouquinho mais, mas não é tanto, agora ela está estudando, antes ela não estudava. Mas eu tento controlar o ciúme, ela está estudando para o bem dela né? É difícil”]*... . Ao terminar a gravação da entrevista, **M3** pede para falar mais algumas palavras, ele relata que está incomodado com o ciclo de amizades de sua parceira e que o seu comportamento com ela vem mudando em relação ao ciúme.

Neste caso, percebeu-se que **M3** está sendo dominado pelo ciúme e está percebendo estas mudanças nitidamente em sua relação conjugal. Este ciúme possessivo está destruindo sua vida e seu relacionamento.

4.3.2 Ciúme diminui no decorrer da relação

A segunda categoria analisada para este objetivo específico é “**ciúme diminuindo no decorrer da relação**”, onde dois dos seis sujeitos

entrevistados disseram que à medida que o relacionamento vai “esfriando” o ciúme vai diminuindo. Ao ser questionada se mudou seu sentimento de ciúme no início e ao fim da relação, **F1** responde: ...[*“no início a gente é um pouco mais ciumento, né? depois com a convivência assim, vai perdendo aquela coisa de posse, mudou, no final eu já nem tinha tanto ciúme, eu nunca fui tão ciumenta, mas no início a gente tem aquela coisa, quando você está conhecendo a pessoa você quer saber se não tem nada, sabe, assim, se já tiveram algum envolvimento com outra pessoa, ciúme é assim, né? Mas assim, depois que você já está dois ou três anos com esta pessoa, e já conhece todo mundo, ou quase todo mundo que ela se relaciona, daí você já sabe né?”*]... .

Este ciúme que **F1** sentia no início de sua relação, pode-se considerar um ciúme normal. Segundo Freud (2002) este tipo de ciúme faz parte da estruturação psíquica do ser humano e é decorrente de um pesar causado pelo sofrimento, real ou imaginado, de perder ou vir a perder o objeto amado para outra pessoa. Para Freud (apud Ferreira-Santos, 2003) uma das causas do ciúme é a projeção onde um dos parceiros deposita no outro suas tentações e impulsos inconfessáveis, de modo a aliviar-se de suas auto-recriminações e culpas inconscientes.

Dois dos seis sujeitos entrevistados relata que o ciúme diminui no decorrer da relação. Tal discurso pode estar associado ao fato de que muitas pessoas não conseguem dissociar o ciúme do amor, por encará-lo como um cuidado com o parceiro. Quando o relacionamento está desgastado e o casal procura a separação, o amor já não é tão intenso como no início e, por consequência, o ciúme também diminui.

Apenas um sujeito falou que o ciúme aumenta no decorrer da relação. Neste caso o ciúme passa a ser algo possessivo capaz de destruir a vida da pessoa e de seu parceiro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente capítulo tem como objetivo, fazer algumas considerações sobre as Representações Sociais do ciúme para homens e mulheres no processo de separação conjugal, explicitando as dificuldades encontradas durante o processo e sugerindo novas possibilidades de pesquisa.

Para elaborar as conclusões deste trabalho, é importante retomar alguns aspectos da pesquisa. Foram entrevistadas seis pessoas, sendo três homens e três mulheres, que freqüentaram o serviço de mediação do Fórum da Comarca de São José. O serviço de mediação familiar é um projeto social e gratuito oferecido para casais que desejam se separar e que possuem renda inferior a cinco salários mínimos. O tempo médio das mediações é de uma hora, onde são ouvidas as partes por mediadores habilitados para fazer a mediação dos conflitos apresentados pelos casais. São disponibilizadas até oito sessões para o casal chegar a um acordo satisfatório para ambos. Dentro deste contexto, surgem diversas questões a serem discutidas pelos casais como quem irá ficar com a guarda dos filhos, pensão alimentícia, a divisão dos bens adquiridos, entre outros. A questão emocional também é trabalhada pelos mediadores onde os sujeitos expõem suas vidas, seus sentimentos e sofrimentos, que muitas vezes ficaram guardados por longo tempo. Dentre os sentimentos que aparecem o ciúme é um dos mais freqüentes, capaz de destruir muitos relacionamentos. Surge então a necessidade de questionar quais as representações sociais do ciúme para estas pessoas.

Durante o processo de realização das entrevistas, não foram encontradas muitas dificuldades, pois os sujeitos mostraram-se dispostos a falar sobre seus relacionamentos, amores e ciúmes e conseguiram expor seus sentimentos de forma clara e sincera, apesar de que não é uma tarefa fácil dialogar sobre o tema desta pesquisa.

Segundo os relatos das entrevistas, a maioria dos sujeitos identifica o ciúme como um sentimento de posse, sendo capaz de destruir relacionamentos e a vida das pessoas. Isto pode sugerir que, para estas pessoas, o ciúme é visto como um sentimento negativo atrelado a outros sentimentos como a raiva, o medo e a insegurança. Ficou evidente na pesquisa, que alguns entrevistados

consideram o ciúme como expressão de amor, porém somente quando ele é moderado e saudável, podendo trazer benefícios para a relação.

Quanto à questão de gênero, foi constatado que não houveram diferenças significativas relacionadas à demonstração de ciúme. Alguns entrevistados relataram que o ciúme da mulher é mais intenso. Nestes casos foram percebidas marcas de uma sociedade machista em que o homem é considerado chefe do lar e trabalha para sustentar a família. Em troca disto, a mulher tem a função de cuidar do marido e filhos e fazer os serviços domésticos. Diante desta visão cultural preconceituosa a mulher fica preocupada, pois seu marido passa muito tempo fora de casa, causando brigas entre o casal e o ciúme do parceiro. Estas concepções foram confirmadas nas falas dos entrevistados.

A maior parte dos sujeitos entrevistados relatou que o sentimento de ciúme diminui no decorrer da relação. Com isto pode se sugerir que muitas pessoas não conseguem separar o ciúme do amor, por encará-lo como uma manifestação de cuidado com o parceiro. Quando a relação está desgastada e o casal procura a separação, o amor não é intenso como no começo e por consequência, o ciúme também diminui.

É importante ressaltar que estes resultados foram obtidos através de entrevistas com seis pessoas e, portanto, não podem ser generalizadas. Espera-se, no entanto, que a pesquisa possa auxiliar o psicólogo em seus diversos campos de atuação, e que o tema ciúme, possa abrir horizontes para novas pesquisas, como o ciúme na violência doméstica e aprofundar o ciúme dentro das abordagens da psicologia. No campo da mediação, espera-se que a pesquisa possa ajudar na resolução dos conflitos dos casais tendo em vista que o ciúme é um dos sentimentos mais freqüentes nos relacionamentos humanos e quando ele ultrapassa seus limites, pode destruir a vida conjugal e, em casos extremos, a própria vida das pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADEODATO, V. G. et al. **Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros**. Revista de Saúde Pública, São Paulo, v.39 n.1 fev. 2005.

ALMEIDA, T. **Ciúme romântico e infidelidade amorosa entre paulistanos: incidências e relações**. São Paulo, 2007. 234p. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, USP, 2007. Disponível em <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/ptp/v5n2/v5n2a06.pdf>> Acesso em 16 mai. 2008.

ARREGUY, M. E. Dois romances, tempos distintos: uma reflexão sobre o amor e o ciúme na atualidade. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Rio de Janeiro, v.4, n.1, p.112-130, mar. 2004. 2004v.IV, p. 112-130, mar.2004. Disponível em: < <http://www.unifor.br/notitia/file/170.pdf> > acesso em: 19 mai. 2008.

ARRUDA, A. Teorias das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, Rio de Janeiro, n. 117, p. 127-147, nov. 2002. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ASSIS, M. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Lia, Editor S/A, 1971.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**: Edição pastoral. 39. ed. São Paulo: Paulus, 1990.

BLOOM, H. **Onde encontrar a sabedoria?** Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

BYINGTON, C. A. B. O ciúme e o amor: um estudo da psicologia simbólica junguiana. In **Libertas Comunidade**. Disponível em <http://www.libertas.com.br/site/index.php?central=conteudo&id=2560&perfil=1&idEdicao=0>> Acesso em 14 mai. 2008.

BUSS, D.M. **A paixão perigosa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

CARDELLA, B.H.P. **O amor na relação terapêutica**: uma visão gestáltica. São Paulo: Summus, 1994.

COSTA, J.F.C. A capacidade de doar. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 09 jan. 2000. Disponível em: <<http://www.cefetsp.br/edu/eso/comportamento/doacaofreire.html>>. Acesso em: 12 mai. 2008.

FERREIRA, AURÉLIO B. H. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004

FERREIRA-SANTOS, Eduardo. **Ciúme o medo da perda**. São Paulo: Claridade, 2006.

FONSECA, F. N., Nery, L.B., & Benigno, L.F. (2005). **Ciúme**: Diferenças e semelhanças de gênero. *Série: Textos de Alunos de Psicologia Ambiental*, No 01. Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental.

FREUD, S. **Mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social** 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994

JÚNIOR, S.E. Complexo fraternal: a fonte do ciúme e da inveja. **Psicologia: In Teoria e Prática**, Campinas, n. 5, p. 55-66, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Out. 2003.

KUNDERA, M. **A cortina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

MORIN, E. **Sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

NUNES, L.B. **O ciúme nas relações amorosas contemporâneas**. Rio de Janeiro, 2006. 225p. Dissertação (Instituto de Psicologia) Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 2006.

PAULA, C.N. Pacto silenciador – discutindo as funções da queixa. In Anais do VII Seminário Fazendo Gênero. Violência de Gênero. UFMG, 2006.

RAMOS, A. L. M. **Ciúme romântico**: Teoria e medida psicológica. Lorena: Stiliano, 2000.

ROUANET, S. P. **A razão cativa**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

ROWLEY, H. **Tête-à-tête**. São Paulo: Editora Objetiva, 2006.

SARTRE, J.P. **Sartre**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SHAKESPEARE, W. **Shakespeare tragédias**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SILVA, S.V. **Os estudos de gênero no Brasil**: algumas considerações. Revista Bibliográfica de Geografia y Ciências Sociales N° 262. Universidade de Barcelona, 2000.

SOARES, B. M. **Mulheres invisíveis**: violência conjugal e as novas políticas de segurança. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. pastoral

SPINK, M.J. (org.) **O conhecimento no cotidiano**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

STREY, M.N. et al. **Psicologia social contemporânea**: livro texto. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

TORRÃO, A. F. **Uma questão de gênero**: onde o feminino e o masculino se cruzam. *Cadernos Pagú*, Campinas, jan.-jun, p. 127-152, abr. 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de entrevistas

Gênero: F() M()

Idade:

Estado civil:

Tempo de união:

Tempo de separação:

- 1) Para você o ciúme está relacionado com o amor?
- 2) O que é ciúme para você?
- 3) Você se considera ciumento(a)?
- 4) Em que circunstância você sente ciúme?
- 5) O ciúme interfere em sua vida?
- 6) Homens e mulheres sentem ciúme da mesma forma?
- 7) Houve mudança no sentimento de ciúme durante a sua relação conjugal?
- 8) Mudou sua forma de pensar sobre o ciúme após o fim da relação?

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Estou sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Ciúme a dor da alma: representações sociais do ciúme para homens e mulheres em processo de separação conjugal”, realizada pela graduanda do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina, Júlia P. Vieira, sob a orientação da Prof^a Deise Maria do Nascimento.

Esta coleta de dados será realizada em concordância com os princípios éticos de pesquisa envolvendo seres humanos, tendo como fundamento as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde nº 196, de 10 de outubro de 1996, e nº 251, de 07 de agosto de 1997, sendo que todos os envolvidos nesta pesquisa comprometem-se a manter o anonimato dos meus dados.

Minha participação no projeto consistirá em responder a uma entrevista, que durará aproximadamente 50 minutos e será gravada para posterior transcrição. Não estão previstos desconfortos, riscos ou constrangimentos durante a realização da entrevista. A pesquisadora prestará quaisquer esclarecimentos que eu julgar necessários antes e durante a realização da mesma. Por ser uma pesquisa de interesse exclusivamente científico, a qual aceito participar espontaneamente, sei que posso desistir a qualquer momento, inclusive sem motivo nenhum, bastando, para tanto, que informe à graduanda Júlia P. Vieira o meu não prosseguimento, através do telefone (48) 91083604. Por ser voluntário(a) e sem fins lucrativos, sei que não serei remunerado(a). Meus dados de identificação serão mantidos em sigilo e a divulgação dos resultados terá como objetivo mostrar os possíveis benefícios advindos da pesquisa em questão, podendo ser utilizados em eventos e obras científicas. Estou ciente de que poderei solicitar informações durante qualquer fase da pesquisa, inclusive após a publicação da mesma.

Contatos com a pesquisadora poderão ser feitos, a qualquer momento, pelo telefone acima mencionado.

A pesquisadora agradece a colaboração!

Assinatura da Pesquisadora

Eu, _____, RG nº _____, telefone nº _____, consinto em participar voluntariamente da pesquisa realizada pela graduanda Júlia P. Vieira.

_____(SC), ____/____/____.

Assinatura

